

A cada 15 segundos, uma mulher agredida

A OAB divulga mapa da violência em São Paulo, incluindo ofensas e calúnia

LAURA DINIZ

Uma mulher é agredida na cidade de São Paulo a cada 15 segundos, de acordo com a presidente da Comissão da Mulher Advogada da seccional paulista da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Maria Elisa Munhol. O Mapa da Violência contra a Mulher, divulgado ontem, revela que as delegacias da mulher do Estado registraram quase 123 mil casos de janeiro a maio. Na capital, foram quase 22 mil. "E esses números representam um percentual muito pequeno do que realmente acontece, porque não incluem os casos não registrados na polícia e as queixas em delegacias comuns."

O levantamento aponta que foram feitas 889 prisões no período. Indica ainda que a região da capital com o maior número de agressões é Santo Amaro, cuja Delegacia de Defesa da Mulher abrange mais áreas que as outras oito — foram 4.903 casos.

A região que mais registrou estupro, em números absolutos, foi a central, com 40 ocorrências. "A violência sexual pode ter sido cometida num bairro distante, mas a mulher registra no centro porque trabalha ali, tem vergonha de que as pessoas do bairro saibam, ou porque procura o Hospital Pérola Byington, que encaminha todas para cá", diz a delegada Maria Teresa Gonçalves Rosa, da 1.ª Delegacia de Defesa da Mulher, no centro.

Os crimes mais praticados no Estado foram lesão corporal dolosa (30.571 casos), ameaça (30.203 casos) e calúnia/injúria/difamação (10.082). Houve 384 estupros, 100 tentativas de estupro, 7 homicídios e 50 tentativas. Em números absolutos, as cidades com mais casos foram Americana (3.619), Ribeirão Preto (2.268), Franca (2.207), Mogi das Cruzes (2.139) e Lins (2.126).

Segundo Maria Elisa, a violência contra a mulher não é tratada com o rigor que merece. "99% dos agressores são apenados com o pagamento de uma cesta básica, o que gera grande

sensação de impunidade. A lei prevê o cumprimento de penas alternativas para esses casos e não cesta básica."

As duas destacaram a necessidade de agressores e vítimas serem encaminhados para tratamento psicológico. "São comuns casos de homens que se separam e voltam a agredir e de mulheres que se casam novamente e voltam a ser agredidas", disse a delegada.

Banalização — Para a presidente da Associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude (Asbrad), Rejane Alexandre da Costa, a violência contra a mulher está banalizada no País e pode ser vista até como problema cultural. "O Judiciário trata esses casos no mesmo nível de infrações de trânsito ou de questões imobiliárias. Não há comprometimento quanto às consequências que esta violência causa às mulheres e às famílias." Ela defende até a prisão em flagrante. "A polícia é chamada e não pode fazer nada.

O casal vai para a delegacia e fica por isso mesmo."

A cabeleireira Ducinéia de Fátima Alves, de 47 anos, foi vítima de violência por 12 anos. Após se separar, foi, com um casal de filhos pequenos, morar com outro homem, em Guarulhos. "Passados dois anos, ele começou a ficar agressivo." A primeira surra que levou foi porque o companheiro não

gostou de vê-la recepcionando dois vendedores. "Ele quebrou tudo, me bateu muito."

Após o episódio, o ex-marido levou as crianças embora e Ducinéia, apesar dos conselhos, continuou a se encontrar com o agressor. Ela chegou a denunciá-lo três vezes à polícia, mas nada ocorreu. "Ao contrário, ele me ameaçava, colocava revólver na minha cabeça, facão no pescoço e batia ainda mais."

O inferno só terminou quando a filha, então com 16 anos, foi intervir pela mãe em uma das agressões e teve o vestido rasgado. "Como ela era menor de idade, a polícia andou com o caso e abriu inquérito." Ducinéia foi ao julgamento, mas não ficou para aguardar a sentença. "Ele não foi preso, mas o juiz o proibiu de chegar perto de mim e de minha família." (Colaborou Rodrigo Cerqueira César)

CRIMES CONTRA A MULHER

Veja as dez cidades paulistas em que o índice de violência é maior:

São Paulo	21.888
Americana	3.619
Ribeirão Preto	2.268
Franca	2.207
Mogi das Cruzes	2.139
Lins	2.126
Marília	1.973
São José do Rio Preto	1.853
Limeira	1.778
Araçatuba	1.775

*Período de janeiro a maio/2004

Fonte: Polícia Civil